

## **EDUCAÇÃO EM EMPREENDEDORISMO: O QUE PODEMOS APRENDER DOS EXEMPLOS BRASILEIROS E FINLANDESES?**

### ***ENTREPRENEURSHIP EDUCATION: ¿QUÉ PODEMOS APRENDER DE LOS EJEMPLOS BRASILEÑO Y FINLANDÉS?***

### ***ENTREPRENEURSHIP EDUCATION: WHAT CAN WE LEARN FROM THE BRAZILIAN AND THE FINNISH EXAMPLES?***

Marja LAURIKAINEN<sup>1</sup>  
Flavio Lopes DA SILVA<sup>2</sup>  
Paula Felipe SCHLEMPER<sup>3</sup>  
José Wlamir Barreto SOARES<sup>4</sup>  
Luis Henrique Mendes de MELO<sup>5</sup>

**RESUMO:** A educação desempenha um papel fundamental na promoção do empreendedorismo e da inovação, especialmente nos novos mercados globais e nas mudanças tecnológicas rápidas no mundo. Este artigo discute brevemente o conceito de educação para o empreendedorismo, com foco nos fatores que aumentam as intenções do empreendedorismo, por exemplo, dimensões cognitiva, conativa e afetiva da personalidade. Também introduz alinhamentos e discute a situação atual na promoção da educação para o empreendedorismo no Brasil e na Finlândia, dando exemplos de práticas para o desenvolvimento de competências empresariais dos alunos em diferentes níveis educacionais em ambos os países. As conclusões destacam algumas semelhanças e diferenças nas abordagens dos dois países, além de elaborar recomendações sobre como as competências empresariais podem ser promovidas em todos os níveis de educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Empreendedorismo. Educação para o empreendedorismo. Inovação. Competências empresariais.

**RESUMEN:** *La educación desempeña un papel clave en la promoción del espíritu empresarial y la innovación, especialmente en los nuevos mercados mundiales y en los rápidos cambios tecnológicos en el mundo. En este artículo se analiza brevemente el concepto de educación empresarial, centrándose en los factores que aumentan las intenciones del emprendimiento, por ejemplo, cognitivas, conativas y afectivas de la*

<sup>1</sup>Häme University of Applied Sciences - HAMK. Hämeenlinna, Finland. E-mail: marja.laurikainen@hamk.fi.

<sup>2</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), Serra Campus – ES – Brazil. E-mail: flavyolopes@gmail.com

<sup>3</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB), Brasília – DF – Brazil. E-mail: paula.oliveira@ifb.edu.br.

<sup>4</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS), Aracaju – SE – Brazil. E-mail: wlamirsoares@hotmail.com.

<sup>5</sup>Centro Estadual Experimental de Ensino Aprendizagem Sesquicentenário (C.E.E.E.A), João Pessoa – PB – Brazil. E-mail: professorluishmelo@gmail.com.

*personalidad. También introduce las alineaciones y la situación actual en la promoción de la educación empresarial en Brasil y en Finlandia basado en ejemplos de casos de prácticas para desarrollar las competencias empresariales de los estudiantes en diferentes niveles de educación en ambos países. Las conclusiones destacan algunas similitudes y diferencias en los enfoques de los dos países, así como las recomendaciones acerca de cómo fomentar las competencias empresariales en todos los niveles de la educación.*

**PALABRAS CLAVE:** *Emprendimiento, Educación para el espíritu empresarial, Innovación, Competencias empresariales.*

**ABSTRACT:** *Education plays a key role in fostering entrepreneurship and innovation, especially in new global markets and in the whirlpool of the rapid technological changes in the world. This paper shortly discusses the concept of entrepreneurship education, focusing on the factors that increase entrepreneurship intentions, e.g. cognitive, conative and affective dimensions of personality. It also introduces alignments and the current situation in the promotion of entrepreneurial education in Brazil and in Finland giving case examples of practices to develop students' entrepreneurial competences in different education levels in both countries. The conclusions highlight some similarities and differences in the approaches of the two countries as well as draw recommendations on how entrepreneurial competences could be fostered in all levels of education.*

**KEYWORDS:** *Entrepreneurship. Entrepreneurship education. Innovation. Entrepreneurial competences.*

## **Introdução**

A globalização e o rápido desenvolvimento da tecnologia estabelecem desafios significativos e também oportunidades para os empresários de hoje. Empreendedores resilientes são aqueles que sabem lidar com estes tipos de mudanças. Sabe-se que isso provém de sua personalidade, contudo, a educação pode desenvolver a resiliência como um tipo de competência. De fato, o papel da educação é crucial ao promover novas ideias, criar negócios e inovações. Diferentes tipos de serviços empresariais, sistemas de inovação, *hubs* e outros tipos de serviços de consulta para empresas *startups* são naturalmente importantes. No entanto, o papel da educação como um caminho para desenvolver competências empresariais e intenções de empreendedorismo é inegável.

Houve dúvidas quanto à eficácia da educação para o empreendedorismo (MARTINEZ et al, 2010; PITTAWAY; COPE, 2007). Argumenta-se que a educação para o empreendedorismo precisa de mais desenvolvimento conceitual e teórico (GREENE et al, 2004; MATLAY, 2006). De fato, de acordo com uma revisão

minuciosa da literatura de Bécharde e Grégoire (2005) sobre educação empresarial, verificou-se que não há uniformidade em conteúdo e abordagem entre programas e cursos de empreendedorismo. No entanto, notou-se que a educação para o empreendedorismo tem sido mais frequentemente categorizada em três tipos diferentes: educação “para”, “sobre” e “através de empreendedorismo” (JONES et al, 2014).

Esses três tipos de educação para o empreendedorismo (“para”, “sobre” e “através”) podem ser ligeiramente vinculados à teoria de Snow, Corno e Jackson (1996) sobre a construção da personalidade e suas três áreas: cognitiva, conativa e afetiva. Os tipos “para” e “sobre” focam a dimensão cognitiva (conhecimento) e “através” enfatiza as dimensões conativas e afetivas (características pessoais, motivação, sentimentos, valores, etc.).

Até os últimos anos, a educação para o empreendedorismo no Brasil tem sido mais ou menos educação “para” e “sobre”, focada no conhecimento do empreendedorismo e cursos específicos singulares. Não foi muito eficiente e os resultados foram bastante pobres, embora o ponto de partida tenha sido encorajador: no ranking internacional, os estudantes brasileiros têm atitudes bastante positivas em relação ao empreendedorismo em comparação com outros países, incluindo a Finlândia, e os alunos consideram ser um empresário como uma opção de carreira potencial (LIMA et al, 2012). No entanto, a abordagem mais ampla na educação para o empreendedorismo tem sido apoiada por pesquisas, onde, por exemplo, Koironen e Ruohotie (2001), bem como Gibb (2002), afirmam que o mero conhecimento do empreendedorismo não é suficiente. Para desenvolver as competências empresariais e as intenções do empreendedorismo, os lados conativos e afetivos da personalidade precisam ser abordados.

Na Finlândia, o desenvolvimento da educação para o empreendedorismo já foi uma das áreas estratégicas da educação há algumas décadas, e a transição de cursos empresariais singulares para uma compreensão mais ampla da educação para empreendedorismo ocorreu. Hoje, a promoção do empreendedorismo concentra-se mais no desenvolvimento de habilidades e competências que apoiam o comportamento empresarial de uma maneira apropriada para a idade.

Este artigo apresenta o conceito de educação para o empreendedorismo e descreve como a educação para o empreendedorismo é promovida no Brasil e na Finlândia, dando exemplos práticos de diferentes níveis de educação. As conclusões estabelecem semelhanças e diferenças na educação empresarial entre os dois países e

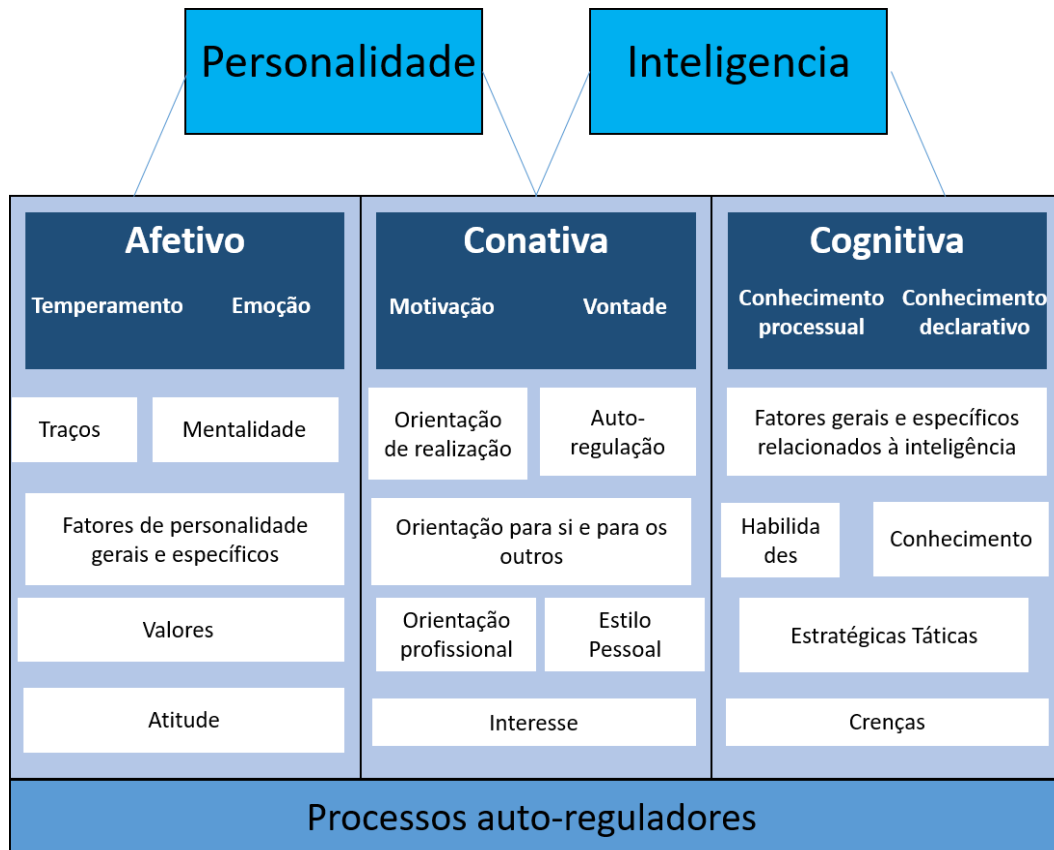
apresentam recomendações como: o que você precisa aprender para se tornar um empreendedor bem-sucedido e como você deve aprender? Como os desenvolvimentos das competências empresariais podem dar suporte a sua vida profissional, habilidades e comportamento de forma geral?

### **O conceito de educação para o empreendedorismo e como deve ser ensinado**

Até o momento, houve esforços consistentes para definir a educação para empreendedorismo; por outro lado, nenhuma definição foi universalmente aceita (FAYOLLE, 2010). Além disso, não há uma compreensão comum do que a educação empresarial tenta alcançar (por exemplo, GIBB, 2002; PITTAWAY; COPE, 2007). Além disso, existe um debate sobre se o empreendedorismo poder ser ensinado ou não (FAYOLLE; GAILLY, 2015; RIDEOUT, 2013) e como deve ser ensinado (HEINONEN, 2007; MWASALWIBA, 2010). No entanto, a literatura de pesquisa identificou três resultados distintos do empreendedorismo, que são: compreensão do empreendedorismo, aprimoramento da empregabilidade dos estudantes e encorajamento de suas *startups* (PITTAWAY; COPE, 2007; RAE, 2010; HUQ; GILBERT, 2013).

Poucas décadas atrás, o empreendedorismo foi visto como um conceito de crescimento econômico e criação de empreendimentos (CARLAND et al, 1984). Recentemente, o entendimento passou da postura econômica tradicional para um processo holístico (incluindo economia, política, sociedade e cultura) e integrativo (KURATKO, 2005). Além disso, a educação para o empreendedorismo deve promover a mentalidade empresarial dos estudantes, abordando seus valores e competências empresariais (detecção de oportunidades, tomada de riscos, proatividade).

Snow, Corno e Jackson (1996) introduziram uma construção de taxonomia pessoal, que consiste em dimensões cognitiva, conativa e afetiva. De acordo com Ruohotie e Koironen (2000), a parte cognitiva inclui conhecimento, percepção, avaliação e raciocínio, enquanto a parte conativa se relaciona com motivação e autoregulação e lado afetivo aos sentimentos, valores e atitudes (Figura 1). Ruohotie (2000) argumenta que os processos-chave na educação para o empreendedorismo estão relacionados à dimensão conativa. Por outro lado, Gibb (2002) apela a aspectos afetivos na aprendizagem, e Koironen (2001) enfatiza os três aspectos. No entanto, o mero conhecimento é insuficiente na educação para o empreendedorismo – deve abordar os três aspectos da personalidade (KOIRANEN; RUOHOTIE, 2001).

**Figura 1:** Taxonomia pessoal

**Fonte:** Snow, Corno e Jackson (1996); Ruohotie e Koiranen (2000); Kyrö (2008)

Desde cedo, os pesquisadores perceberam a conexão entre educação empresarial e educação de adultos, onde os alunos individuais são autônomos e no centro do processo de aprendizagem. O foco do ensino foi direcionado para a ação como uma essência do comportamento empresarial. Assim, a ênfase tem sido a aprendizagem e a aprendizagem experiencial, ou seja, o processo de transformação de experiências em conhecimento (PITTAWAY; COPE, 2007; POLITIS, 2005; KOLB, 1984). Além disso, a educação para o empreendedorismo inclui elementos de incerteza e novidade, que são principalmente possíveis de alcançar ao fazer (POLITIS, 2005; RAE, 2000).

Além disso, Jones et al (2014), identificam três tipos principais de educação para empreendedorismo: sobre empreendedorismo, para empreendedorismo e através do empreendedorismo. As duas primeiras são abordagens de ensino tradicionais centradas na teoria no estabelecimento de uma empresa. Em contraste, através do empreendedorismo enfatiza a mentalidade e as capacidades necessárias para iniciar um empreendimento. Assim, precisa haver uma mudança de paradigma da transmissão e re-

produção de conhecimento (“sobre” e “para”) para a pedagogia experiencial baseada em competências que prepara os alunos para que participem ativamente da aprendizagem, também se estendem da sala de aula para a vida real em configurações com o mundo do trabalho (“através”) (MARITZ; BROWN, 2013; GÜNZEL-JENSEN et al, 2017). Além disso, a educação para o empreendedorismo deve desenvolver um senso de propriedade da própria aprendizagem e construir uma comunidade de aprendizagem, onde os educadores desempenham um papel central ao moldar as atitudes e o desenvolvimento das competências empresariais dos estudantes em cooperação com as empresas (SUMMERS; SVINICKI, 2007; ANDERSON; JACK, 2008). De acordo com Rae (2005), o aprendizado empresarial é moldado pelo contexto, desenvolvimento pessoal e social de um indivíduo e na negociação com outros críticos.

Recentemente, pesquisas sobre a efetivação estão tentando resolver o antigo problema – o que torna os empresários empreendedores? Além disso, a teoria da efetivação forneceu uma resposta à questão de saber se o empreendedorismo pode ser ensinado e/ou aprendido, transformando a ideia de todos os empreendedores com uma habilidade inata (genética) ou possuir a personalidade/característica de personalidade própria, dentro da ideia de que o empreendedorismo é, em vez disso, uma mentalidade aprendível e ensinadora. De fato, a efetivação é uma lógica de conhecimento empresarial, é um processo de pensamento e sensação para resolver problemas empresariais com os meios e redes disponíveis, tolerando a incerteza, mas sendo o “piloto do empreendimento” (SARASVATHY, 2001; SOCIEDADE PARA A AÇÃO EFECTUAL, 2017).

### **Educação para o Empreendedorismo na Finlândia – Como aparece nos currículos dos diferentes níveis educacionais?**

O Programa do Governo da Finlândia (2015-presente) inclui a promoção do empreendedorismo desde o ensino pré-primário até o ensino superior, reforçando a cooperação entre educação e vida profissional, prestando atenção às necessidades de competência dos futuros trabalhadores. Com base nas estratégias e documentos de trabalho da União Europeia, o Programa de Governo finlandês, as estratégias regionais e locais *Koulutuksen yrittäjyyslinjaukset* (2017), ou seja, os alinhamentos do empreendedorismo na educação foram criados por especialistas que visam dirigir e

promover atividades de educação para o empreendedorismo em diferentes níveis educacionais.

A base dos alinhamentos é a concepção de que o empreendedorismo pode ser aprendido. O comportamento empreendedor inclui características como a criatividade, a curiosidade, a inovação, a resolução de problemas, a tomada de riscos, a responsabilidade, a capacidade de planejar, estabelecer metas e autoregulação para atingir esses objetivos. Na educação, essas características devem ser encorajadas e enfatizadas para responder às mudanças rápidas da vida profissional. Os alinhamentos do empreendedorismo incluem recomendações estratégicas, formação contínua de professores, desenvolvimento de métodos de aprendizagem ativos e ambientes de aprendizagem inspiradores. Além disso, são diretrizes e dicas concretas para os educadores avaliar e desenvolver suas operações (KOULUTUKSEN YRITTÄJYYSLINJAUKSET, 2017).

Além disso, o Ministério da Educação e Cultura participa no projeto de pesquisa internacional *Innovation Cluster for Entrepreneurship Education*, que investiga como implementar a educação empresarial prática na educação básica, um objetivo estabelecido pela União Européia (THE MINISTRY OF EDUCATION AND CULTURE, 2017).

O Programa do Governo finlandês e o Ministério da Educação e Cultura instituíram sistematicamente a educação para o empreendedorismo nos currículos de todos os níveis de educação, onde o empreendedorismo é promovido de forma adequada à idade.

Na Finlândia, o currículo para a educação básica promove educação em empreendedorismo de diferentes aspectos. Por um lado, as habilidades sociais dos alunos, o pensamento crítico, a responsabilidade, o gerenciamento do tempo e as habilidades autoreguladoras são promovidas. Eles também aprendem a tornar-se consumidores mais responsáveis e cidadãos ativos que podem entender e avaliar a forma como a sociedade funciona.

Por outro lado, é importante que os alunos obtenham experiências da vida real que os ajudem a entender o significado do trabalho e do empreendedorismo. Os processos de aprendizagem devem ser organizados de forma a que os alunos possam desenvolver suas competências empresariais e aumentar a compreensão e as habilidades da vida profissional ao se familiarizarem com as indústrias próximas.

Na educação básica, o foco da educação para o empreendedorismo é sobre habilidades suaves e desenvolvimento de competências empresariais, especialmente relacionadas às dimensões (motivação e autoregulação) afetivas (características e atitudes pessoais) (THE MINISTRY OF EDUCATION AND CULTURE, 2017).

Em geral, o empreendedorismo do ensino secundário superior é um tema que está incorporado a todas as matérias. Esses temas são socialmente significativos e visam à cidadania ativa e indivíduos conscientes da sociedade. Na Finlândia, existem diferentes modelos para apoiar o empreendedorismo e as competências empresariais dos alunos, ex. *Junior Achievement*, cooperativas, competições de ideias empresariais e outras formas para apoiar a cooperação com a vida profissional (THE MINISTRY OF EDUCATION AND CULTURE, 2017).

Uma abordagem semelhante é a educação vocacional, onde o foco está nas habilidades de aprendizagem ao longo da vida, que são cruciais na vida profissional atual. Essas habilidades incluem aprendizado constante e adaptação à globalização e aos requisitos em rápida mudança da vida profissional. As atividades de empreendedorismo são combinadas a estudos profissionais, o que permite que os alunos possam praticar e iniciar seus próprios empreendimentos enquanto ainda estudam. Na verdade, falar sobre a formação profissional como empreendedor é uma opção de carreira genuína e bastante comum para estudantes (THE MINISTRY OF EDUCATION AND CULTURE, 2017).

Na Finlândia, não existe um currículo nacional para o ensino superior, já que as universidades são institutos de educação autônomos e, portanto, podem desenvolver seus próprios currículos. No entanto, existem algumas recomendações estratégicas para o ensino superior, tanto no nível da União Europeia como a nível nacional, em que a promoção do empreendedorismo e da inovação é uma das questões fundamentais. Ainda assim, cada universidade na Finlândia aborda o empreendedorismo de diferentes maneiras.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Ministério da Educação e Cultura (VILJAMAA, 2016) para os institutos de ensino superior finlandeses sobre suas práticas na promoção do empreendedorismo, é evidente que há muitas habilidades de empreendedorismo em universidades e universidades de ciências aplicadas. Nas universidades tradicionais, o treinamento para o empreendedorismo é oferecido durante todo o caminho desde a graduação até o doutorado. Alguns dos treinamentos são organizados sob a forma de cursos específicos, mas também podem ser integrados a outros cursos. Por outro lado, todas as universidades de ciências aplicadas oferecem



pelo menos cursos específicos de empreendedorismo e desenvolvem práticas de atividades de empreendedorismo, por exemplo, permitindo que os trabalhos finais de curso sejam realizados a partir problemas ou necessidades dos estudantes, de suas empresas ou startups.

Outro aspecto significativo da educação para o empreendedorismo é o desenvolvimento de métodos pedagógicos, ex. projetos para a vida profissional, casos de vida real e diferentes modelos para apoiar atividades empresariais (cooperativas, incubadoras de empresas, suporte inicial, etc.). Devido à natureza das universidades de ciências aplicadas, espera-se que sua cooperação com o mundo do trabalho seja especialmente forte. As competências do pessoal docente possuem um papel crucial, no entanto, apenas algumas das universidades e universidades de ciências aplicadas afirmam oferecer educação contínua para apoiar as atividades empresariais de seus professores. Este é claramente um obstáculo à educação para o empreendedorismo no ensino superior (VILJAMAA, 2016).

Outra área, que não é totalmente explorada, é a pesquisa no campo da educação para empreendedorismo. Há pesquisas em empresas de crescimento para sistemas de inovação, desde a formação de professores até a comercialização de inovações ou resultados de pesquisas. No entanto, não há pesquisas suficientes sobre a avaliação ou reflexão sobre o impacto das atividades de educação e treinamento em empreendedorismo, nem a coordenação nos resultados da pesquisa para desenvolver educação e treinamento em empreendedorismo na Finlândia (VILJAMAA, 2016). A literatura de pesquisa apoia esta descoberta – de acordo com Fayolle (2013) e Kyrö (2015), o que falta na educação para o empreendedorismo em geral é uma compreensão abrangente do reflexo da experiência e da falta de desenho de uma saída pragmática.

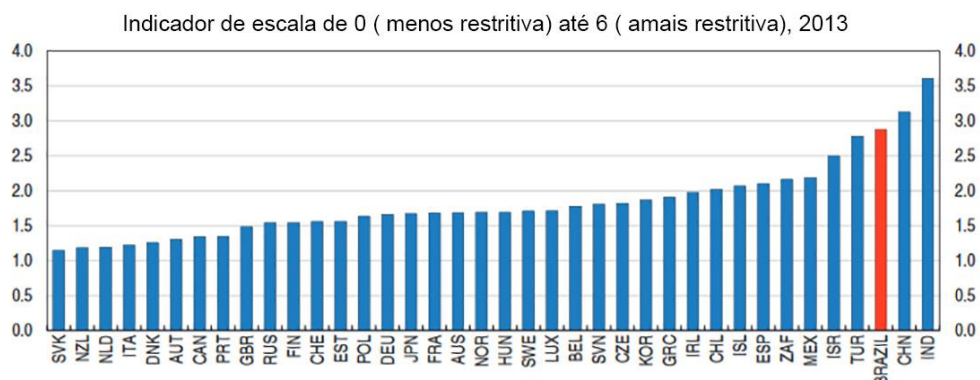
### **Educação emergente em empreendedorismo no Brasil**

Nos últimos anos, as pequenas e médias empresas (PME) representaram aproximadamente 99% do setor empresarial brasileiro, com 6,3 milhões de negócios formais, que representam 20% do PIB e empregam 52% da força de trabalho formal (AMERICAS SOCIETY/COUNCIL DAS AMÉRICAS, 2014; IBGE, 2014). No entanto, comparando internacionalmente, os estudantes brasileiros tradicionalmente mostraram maior preferência por trabalhar em grandes empresas ou no setor público (LIMA et al, 2012). No entanto, o inquérito GEM (Global Entrepreneurship Monitor) de

2013 mostrou que esta tendência está a mudar rapidamente: ter um negócio foi o terceiro desejo mais comum entre os brasileiros, e mais de 80 por cento acredita que o empreendedorismo é uma carreira desejável. Além disso, cerca de 70% das novas empresas emergentes foram baseadas em oportunidades, em vez de necessidade, o que geralmente foi o caso no contexto brasileiro (AMERICAS SOCIETY/COUNCIL OF THE AMERICAS, 2014).

Apesar de melhorar a imagem do empreendedorismo entre estudantes, ainda existem vários outros desafios na promoção do empreendedorismo. Uma delas são as barreiras regulamentares, incluindo os encargos administrativos nas empresas em fase de arranque, que foram significativamente mais restritivas, menos transparentes e simples do que nos países da OCDE, de acordo com os indicadores da OCDE sobre Regulação do Mercado de Produtos (Figura 2) (OCDE, 2015). Isso é confirmado por uma análise comparativa do Banco Mundial em que o Brasil ocupa 167 das 185 economias pesquisadas (WORLD BANK, 2015).

**Figura 2:** As barreiras regulatórias ao empreendedorismo são altas no Brasil



Fonte: OECD Product Market Regulation Indicators, 2013, disponível em [www.oecd.org/eco/pmr](http://www.oecd.org/eco/pmr)

No Brasil, a maioria dos empresários existentes não tem nenhuma conexão para o ensino superior. Os resultados de Greco et al (2009), mostraram que 90% dos novos empreendedores nunca participaram de qualquer curso ou atividade de treinamento relacionado à abertura de um negócio. Assim, em um contexto educacional, o ensino superior brasileiro enfrenta dificuldades severas na busca de soluções de qualidade para empreendedores. Além disso, as atividades de pesquisa e desenvolvimento no ensino superior não atendem às necessidades das empresas, o que afeta sua competitividade no mercado global (DORION et al, 2015). Assim, as instituições de ensino brasileiras

precisam buscar novos modelos para ajudar as empresas a crescer com treinamento e pesquisas relevantes e atualizadas.

De acordo com Dorion et al (2015), a inclusão da educação para o empreendedorismo no Brasil está emergindo, mas enfrenta obstáculos decorrentes das estruturas de educação ou estratégia pedagógica. No contexto brasileiro, as áreas de conhecimento ainda estão sendo compartimentadas, e o ensino está se concentrando mais na aprendizagem informativa, em vez de os alunos atuarem ativamente no processo de aprendizagem. Além disso, tanto as universidades como os institutos educacionais estão voltados para a formação de candidatos a emprego e não para o desenvolvimento de habilidades e potencialidades empresariais (LAVIERI, 2010).

Guerra e Grazziotin (2010) declararam em sua pesquisa que um terço do público e 11,5% das instituições privadas de ensino superior ofereceram cursos de empreendedorismo. Embora a educação para o empreendedorismo ainda seja uma área crescente no Brasil, Guerra e Grazziotin (2010) descobriram que algumas instituições já possuem, por exemplo, Centros específicos para o empreendedorismo, incubadoras de empresas, competições e eventos de planejamento de negócios (por exemplo, Conferência Internacional de Educação e Treinamento em Empreendedorismo – IntEnt 2006, a Mesa Redonda sobre Educação para o Empreendedorismo (REE) América Latina em 2007 e a Mesa Redonda sobre Integração do Empreendedorismo no Brasil), que promovem o empreendedorismo e competências empresariais dos alunos (LIMA et al, 2012).

No entanto, o estudo GEM Empreendedorismo no Brasil: 2008 (GRECO et al, 2009), revelou informações preocupantes com uma modesta oferta de cursos de empreendedorismo de educação superior e falta de professores treinados. No entanto, o número de cursos de empreendedorismo no ensino superior não é o principal desafio: uma questão maior é se os cursos existentes são as primeiras ocasiões em que os estudantes se deparam com o conceito de empreendedorismo. Assim, como afirmou o estudo GEM, o ensino primário e secundário do Brasil é um dos maiores obstáculos para melhorar os resultados do empreendedorismo (ZACHARAKIS, 2013). Além disso, a educação para o empreendedorismo deve envolver a presença de empreendedores da vida real e cooperação da empresa, bem como outras atividades práticas para fomentar o empreendedorismo (além de criar um plano de negócios) (SUEDEKUM; MILLER, 2011).

Apesar dos desafios, também há alguns meios para apoiar a educação para o empreendedorismo, ex. uma plataforma digital denominada “Educação Empreendedora Brasil”, que fornece conteúdo educacional em empreendedorismo e inovação para professores brasileiros. Outra iniciativa é o Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios, cuja missão é construir uma cultura de empreendedorismo (DORION et al, 2015). Além disso, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) é uma entidade privada que estimula a competitividade e o desenvolvimento sustentável das PME. O foco principal é fortalecer o empreendedorismo com programas de treinamento, promoção de associações, feiras e mesas de negócios. Criou-se um Plano Nacional de Educação Empreendedora (Plano Nacional de Educação Empreendedora) para capacitar professores e desenhar modelos alternativos para a educação (SEBRAE, 2017). Além disso, o Sebrae estabeleceu o Centro de Referência da Educação Empresarial (CEE), que promove e dissemina a educação para o empreendedorismo do ensino básico ao ensino superior. Eles oferecem uma série de oficinas e outras plataformas de suporte para discutir sobre novas metodologias criativas em educação para empreendedorismo (CEE, 2017).

Para concluir, existem iniciativas para apoiar a educação para o empreendedorismo e as atitudes dos estudantes em relação ao empreendedorismo são bastante positivas. No entanto, o que falta é a abordagem sistemática para promover o empreendedorismo e a inovação na educação, e esta pode ser realizada a partir de diretrizes estratégicas vindas do ministério da educação.

### **Exemplos de casos escolhidos na educação empresarial a partir do ensino primário e superior no Brasil e na Finlândia**

Embora a educação para o empreendedorismo ocorra em estágios ligeiramente diferentes no Brasil e na Finlândia, ambos os países ainda possuem exemplos práticos inspiradores e eficientes para apoiar o desenvolvimento da educação para o empreendedorismo e as competências empresariais dos alunos (e dos professores). As seguintes práticas a serem apresentadas aqui foram selecionadas de diferentes níveis de educação e não são exemplos de cursos de empreendedorismo, mas de formas inovadoras, métodos e espaços de aprendizagem onde a sociedade circundante está presente e os alunos são atores ativos no processo de aprendizagem para promover o seu comportamento e competências empresariais.

## Me & MyCity

Me & MyCity, é uma inovação de educação finlandesa que começou em 2009 e, até à data, recebeu aclamação internacional. Trata-se de um conceito de aprendizagem destinado às crianças da escola (sexto e nono anos), abrangendo a sociedade, a vida profissional e o empreendedorismo. É uma cidade em miniatura onde os alunos trabalham em uma profissão (a cidade possui 15-20 empresas e serviços públicos e cerca de 70 profissões) e atuam como consumidores e cidadãos como parte da sociedade e da economia global.

Para o sexto ano, o conceito inclui materiais de aprendizagem para 10 lições e uma visita de um dia ao ambiente de aprendizagem. Para os alunos do nono ano, o conceito inclui lições de história, estudos sociais e aconselhamento de carreira que culminam com um jogo (no ambiente de aprendizagem) que simula as operações das empresas de casos globais e um banco. Os alunos atuam como executivos da empresa e se envolvem nas tarefas de várias áreas de responsabilidade. Além disso, eles competem em equipes para alcançar o melhor lucro operacional e a melhor reputação ao ter uma boa estratégia e uma estreita interação.

Para as escolas, a Me & MyCity oferece treinamento de professores sobre os objetivos de aprendizagem e a estrutura das aulas antes da visita ao meio ambiente, bem como os materiais de aprendizagem para 10 lições, cujo objetivo é apresentar o trabalho e como buscá-lo, e familiarizar os alunos com os fundamentos da economia e da sociedade, bem como seus próprios papéis de trabalhadores, consumidores e membros da comunidade. O papel do professor é atuar como empregador e selecionar o aluno certo para cada profissão com base em pedidos de emprego e entrevistas (YRITYSKYLÄ, 2017).

## Ensino Fundamental 2: projeto escolar sobre empreendedorismo

A Escola Ensino Fundamental 2 (alunos do 8º e 9º anos) em João Pessoa, Paraíba, Brasil, projetou um projeto para estimular a criação de empreendedorismo com atividades de baixo custo e fácil aplicabilidade contra exclusão social e desenvolvimento econômico. Para garantir a viabilidade e a multiplicação do projeto foi implementado em cooperação com o Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário (CEEEAS), e no total 20 pessoas da comunidade escolar (professores, pais, funcionários) e 30 alunos participaram do projeto.

O projeto começou com a ativação da curiosidade dos professores em relação ao tema e à forma de trabalhar (aprendizagem baseada em problemas e projetos interdisciplinares combinando diferentes assuntos, como Inglês, Ciência, Geografia, Matemática, Língua Portuguesa e Artes). No segundo estágio, foram realizadas duas reuniões para conscientizar os alunos sobre a importância da exclusão social e econômica de muitas famílias da região metropolitana de João Pessoa. Três estudantes voluntários de cada classe foram selecionados para o grupo do projeto (no total de 30 alunos).

Uma vez que o grupo do projeto foi formado, foi estimulada a pesquisa sobre problemas sociais, exclusão e inclusão social. Realizou-se uma pesquisa para estimar o perfil socioeconômico da amostra de alunos e suas respectivas famílias, categorizando e identificando os principais problemas sociais experimentados. Após a análise dos dados, o grupo criou soluções empresariais para as dificuldades mais recorrentes e selecionaram projetos potenciais de empreendedorismo social que atendem a realidade da comunidade escolar. No final do projeto, os alunos selecionam a melhor idéia e elaboram um plano de negócios para realizar a solução identificada. Com o plano pronto, uma parceria será feita com o SEBRAE (Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa – instituição privada que ajuda a criar micro e pequenas empresas, dando subsídios para ideias viáveis de empreendedores) para implementar a solução.

## **IFactory**

A *IFactory* utiliza as experiências anteriores do LEDS (Laboratório de Educação em Soluções em Desenvolvimento) na IFES, trabalhando com projetos multidisciplinares e reais decorrentes das necessidades da sociedade envolvida, aplicando Aprendizado Baseado em Projetos, onde professores e alunos cooperam na aprendizagem fazendo e propondo desenvolvimento social local e inovação tecnológica.

Redes de *IFactory* com as partes interessadas e patrocinadores estão interessados em ajudar a desenvolver seus produtos e divulgar suas ações através de uma política positiva de inclusão e marketing social, bem como com outros Institutos Federais no Brasil e outras iniciativas similares em todo o mundo (FabLabs, Fábricas de estudantes, fábricas de design). Assim, é um ambiente de aprendizagem internacional para estudantes e professores desenvolver competências relacionadas ao desenvolvimento de

projetos, inovação e métodos ágeis, bem como suas habilidades de aprendizagem ao longo da vida.

*IFactory* é um ambiente para desenvolver conhecimento e competências através de projetos da vida real, combinando prática e teoria (pesquisa). A comunidade *IFactory* é formada por professores e estudantes de diferentes áreas, bem como empresários, representantes de empresas, ONGs, governos e formuladores de políticas, e assim por diante. A estrutura organizacional é muito plana, onde todos os membros têm o mesmo direito de expressar seus pontos de vista e têm praticamente as mesmas responsabilidades no meio ambiente, o que, em si, cria uma cultura de confiança entre as partes envolvidas. Os alunos e os professores trabalham de forma colaborativa em equipe e os alunos são agentes ativos responsáveis por suas ações e aprendizado. O papel do professor no *IFactory* é atuar como um facilitador, sendo responsável por orientar os alunos em seus processos de aprendizagem, fornecendo-lhes ferramentas e materiais úteis para alcançar o resultado de aprendizagem desejado. O professor também identifica todas as habilidades e competências adquiridas durante os projetos e aplica diferentes técnicas de avaliação nos projetos.

O seguinte depoimento da estudante Luzia Adriane (IFS – Campus Lizard) demonstra o entusiasmo dos estudantes nas atividades *IFactory* que não só desenvolvem suas competências como futuros profissionais, mas preparam-nas para serem também empreendedoras:

O *IFactory* ainda é algo muito novo para nós, ainda estamos rastejando nessa fase, mas está sendo muito legal, porque nosso problema de pesquisa se transformou em um produto que temos um certo tempo para resolver, para o bom progresso de nossa empresa. Estamos usando uma metodologia chamada SCRUM, rigorosa, estamos adaptando-nos a ela. Tudo isso é muito legal porque cria um espírito de empreendedorismo dentro de nós que ainda não conhecemos. Experiência única!

Os dois exemplos finais provêm do ensino superior na Finlândia, onde especialmente as universidades de ciências aplicadas promovem conexões com o mundo do trabalho e a criação de inovações e empreendedorismo. Todas as universidades de ciências aplicadas têm abordagens diferentes para promover o empreendedorismo: alguns criaram programas específicos para estudos de empreendedorismo, ex.: *Team Academy* em Jyväskylä, onde os alunos estabelecem suas próprias empresas e todos os estudos ocorrem por meio de atividades comerciais; enquanto outras universidades de

ciências aplicadas implementam atividades empreendedoras em estudos normais. A *Häme University of Applied Sciences* (HAMK) oferece uma combinação destes ao construir as competências empresariais dos alunos através dos processos diários em aprendizagem baseada em projetos, com casos da vida real das empresas locais (cSchool), bem como organizando algumas atividades específicas para promover o empreendedorismo (Amazing Business Train).

### **Amazing Business Train (ABT)**

*Amazing Business Train* ou ABT é um método para aprender as habilidades necessárias para se tornar empresário, ensinar empreendedorismo e trabalhar de forma empresarial. A ABT fornece uma maneira inovadora de aprender estudos de desenvolvimento de negócios e empreendedorismo enquanto viaja de comboio para uma viagem de 40 horas e 1200 km de comprimento para partes do norte da Finlândia (e de volta). É uma experiência de aprendizagem prática, empírica e supervisionada, móvel e intensiva para todos os alunos, durante os quais os alunos desenvolvem ideias de negócios existentes em modelos de negócios ou iniciam ideias novas criando redes e utilizando diferentes ferramentas de desenvolvimento. Eles obtêm novas informações sobre oportunidades de negócios fazendo e experimentando e ajudando a projetar, modelar e comercializar o negócio. Através do trabalho prático, as competências empresariais dos estudantes são reforçadas.

Os professores de empreendedorismo do HAMK trabalham como treinadores durante a ABT. Eles são fornecidos com o manual do treinador que inclui todas as ferramentas necessárias para orientar os futuros empreendedores durante seu processo de aprendizagem. Além disso, os centros e empreendedores externos de empreendedorismo e inovação são utilizados (quando aplicável) durante a viagem como especialistas.

### **Modelo cSchool**

cSchool é um “*can-do-school*”! É um módulo de estudo em marketing e administração de empresas com 45 créditos ECTS (*European Credit Transfer and Accumulation System*), onde os alunos aprendem através de autênticos desafios de desenvolvimento e experiências de empresas reais. Uma equipe de projeto multidisciplinar é formada para resolver casos de empresas. Outros tipos de atividades para apoiar o empreendedorismo podem ser incluídos em estudos de cSchool, e. Startup



Business School, onde os alunos podem desenvolver suas ideias de negócios em interação com os treinadores profissionais da universidade ou empresas. O processo utiliza o conceito de design de serviços e ferramentas de desenvolvimento de negócios, bem como diferentes formas de modelos práticos para desenvolver competências empresariais, ex. *KillerPitching* com investidores reais, concursos de equipe de tipo aprendiz, participação em eventos empresariais (*Slush*, *Nordic Business Forum*), *TaskTank* com pequenos casos de desenvolvimento das empresas e *Orkidea* – uma atividade de resolução de problemas. A filosofia em todas essas atividades é que os alunos estão assumindo um papel e responsabilidade ativa em seus aprendizados e os professores estão apenas apoiando o processo de aprendizagem, orientando e fornecendo ajuda quando necessário. Ambientes diferentes e as conexões para a vida real tornam o aprendizado mais exigente, mas também interessante para os estudantes que desenvolvem competências relevantes para as necessidades do mundo do trabalho. Este tipo de atividades também são encontros frutíferos para iniciativas de pesquisa para estudantes (trabalho finais de curso), mas também para a equipe.

Todos os exemplos aqui citados, tanto o contexto finlandês quando o contexto brasileiro mostraram que é necessário que os alunos desempenhem um papel ativo em sua própria aprendizagem e que a mesma ocorra em cooperação com o mundo do trabalho, ou em situações que estimulam os ambientes da vida real, no qual os alunos por si só precisem encontrar soluções para diferentes desafios empresariais. Dependendo do nível educacional, essas atividades podem trabalhar e desenvolver diferentes competências, adequadas à idade, variando de pequenos projetos a processos mais abrangentes.

## Conclusões

A educação para empreendedorismo não é um conceito fácil de entender de uma maneira comum. Assim, pesquisas e atividades variam muito entre atores, escolas, níveis educacionais e países. No entanto, a compreensão prevalente é que a educação para o empreendedorismo não é apenas transmitir conhecimentos ou habilidades, mas também um processo em que os alunos são participantes ativos que desenvolvem suas competências empresariais através de diferentes tipos de atividades que lhes proporcionam conhecimento sobre o mundo do trabalho e permitem que possivelmente

testem (sem quaisquer riscos) suas próprias ideias empresariais, ou resolva de outra forma problemas empresariais.

A educação para o empreendedorismo tem sido uma das prioridades nas políticas de educação finlandesas há algumas décadas, bem como em toda a União Européia. O problema comum na Europa é que os países europeus talvez não tenham culturas empresariais fortes e, em geral, os jovens não têm as melhores atitudes em relação ao empreendedor. Considerando que, no Brasil, a educação para o empreendedorismo ainda está emergindo, mas parece haver mais intenções de empreendedorismo e as pessoas percebem ser um empreendedor como uma opção de carreira potencial. Assim, mesmo que o Brasil enfrente muitos desafios na educação para o empreendedorismo, existe um enorme potencial para atualizá-la no futuro. Isso requer algumas mudanças na educação para uma abordagem mais centrada no aluno e métodos de aprendizagem ativos, mas estes já são implementados cada vez mais, e com essa mudança, há uma boa oportunidade para promover a educação para o empreendedorismo também na educação brasileira. Como se viu nos exemplos de casos, já existem boas práticas que se concentram não só na aquisição de conhecimento, mas também no apoio às competências empresariais dos estudantes.

Na Finlândia, há já algum tempo que a educação para o empreendedorismo se concentrou em fomentar as competências empresariais de forma adequada à idade (diferentes objetivos em diferentes níveis educacionais). O objetivo não é apenas criar mais empreendedores, mas garantir uma força de trabalho competente que tenha habilidades para atuar de forma empresarial e, assim, contribuir para os processos de crescimento e inovação das empresas existentes. Além disso, um dos objetivos é criar cidadãos ativos que tenham habilidades autorregulatórias, compreensão da economia e da sociedade finlandesas e, portanto, possam contribuir para diferentes setores da vida.

Um fator crucial e comum em ambos os países é a competência dos professores. Eles enfrentam um grande desafio de navegar nas mudanças rápidas do mundo atual, tentando antecipar como será o futuro e suas necessidades. Levam em consideração diferentes fatores como, por exemplo, os diferentes problemas que os jovens enfrentam nas sociedades de hoje. De fato, os professores necessitam de suporte e treinamento direcionados a novos métodos e ferramentas para serem aplicados em sala de aula, a fim de facilitar o aprendizado de uma nova maneira que promova as competências do empreendedor. A transição do ensino e do aprendizado centrado no professor para o centrado no aluno é fundamental para garantir que os alunos desenvolvam habilidades

de serem ativos e construtivos dentro do processo de aprendizagem, o que o torna ainda mais desafiador. Isso requer novos pensamentos pedagógicos e novos papéis dos professores ao facilitar os processos de aprendizagem dos alunos. Na verdade, não são apenas estudantes, mas também professores que precisam aprender através da educação para empreendedorismo. Eles precisam começar a pensar a educação em um aspecto muito mais amplo, incluindo o mundo fora da sala de aula no processo de aprendizagem e certificando-se de que os alunos tenham as habilidades e competências necessárias requeridas para o futuro.

Hoje, é muito mais importante garantir que os estudantes, os futuros trabalhadores como empresários ou empregados em uma empresa, sejam capazes de encontrar informações corretas e aplicá-las de maneira apropriada. Eles precisam ser capazes de aprender coisas novas continuamente (aprendizagem ao longo da vida) e levar novas ideias em ação. Isso requer conhecimento, ambiente de apoio, encorajamento, autoconfiança e gerenciamento, criatividade, muita perseverança, habilidades de assumir riscos e habilidades de comunicação. Em outras palavras, essas competências podem ser chamadas de habilidades interpessoais ou competências do século 21 e todas elas podem ser desenvolvidas através da educação para o empreendedorismo, colocando os alunos em um papel ativo na aprendizagem e na combinação dos atores envolvidos da vida real no processo de aprendizagem. Assim, a educação desempenha um papel fundamental na promoção do empreendedorismo e da inovação.

## REFERÊNCIAS

AS/COAS. **São Paulo 2014 Blog**: six Facts about SMEs in Brazil. Retrieved from: <<http://www.as-coa.org/blogs/s%C3%A3o-paulo-2014-blog-six-facts-about-smes-brazil>>. Acesso em: 31 maio 2018.

ANDERSON, A. R.; JACK, S. L. Role typologies for enterprising education: the professional artisan? **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 15, n. 2, p. 259-273, 2018.

BÉCHARD, J.-P.; GRÉGOIRE, D. Entrepreneurship education research revisited: the case of higher education. **The Academy of Management Learning and Education**, v. 4, n. 1, p. 22-43, 2005.

CARLAND, J. W.; HOY, F.; BOULTON, W. R. et al. Differentiating Entrepreneurs from Small Business Owners: A conceptualization. **Academy of Management Review**, n. 9, p. 354-359, 1984.

CEE. **Sebrae Entrepreneurship Education Reference Centre**. (2017, October). Retrieved from: <<http://cer.sebrae.com.br/?lang=en>>. Acesso em: 31 maio 2018.

CHORY-ASSAD, R. M. Classroom justice: perceptions of fairness as a predictor of student motivation, learning, and aggression. **Communication Quarterly**, v. 50, n.1, p. 58-77, 2002.

DORION, E. **Inovação e Empreendedorismo**. Belo Horizonte: FEAD, 2008.

DORION, E. C. H.; NODARI C. H.; OLEA P. M.; GANZER P. P.; DE MELLO, C. B. C. New Perspectives in Entrepreneurship Education: a Brazilian Viewpoint. **Entrepreneurship Education and Training**. SANCHEZ, J. C. (Ed.) [E-reader Version], 2015. DOI:10.5772/59368.

SOCIETY FOR EFFECTUAL ACTIVITY. **Society for Effectual Activity**. (2017, October). Retrieved from: <<http://www.effectuation.org>>. Acesso em: 31 maio 2018.

FAYOLLE, A. Handbook of Research in Entrepreneurship Education. **International Perspectives**, v. 3. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing Limited, 2010.

FAYOLLE, A. Personal views on the future of entrepreneurship education. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 25, n. 7-8, p. 692-701, 2013.

FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: hysteresis and persistence. **Journal of Small Business Management**, v. 53, n. 1, p. 75-93, 2015.

GEM 2013. Global Entrepreneurship Monitor. **GEM Brazil 2012 Report**. Retrieved from: <<http://www.gemconsortium.org/docs/2806/gem-brazil-2012-report>>. Acesso em: 31 maio 2018.

GIBB, A. In pursuit of a new 'enterprise' and 'entrepreneurship' paradigm for learning, creative destruction, new values, new ways of doing things and new combinations of knowledge. **International Journal of Management Reviews**, v. 4, n. 3, p. 56-77, 2002.

GRECO, S. M. S. S. et al. **Empreendedorismo no Brasil: 2008 (GEM 2008)** [E-reader Version]. Retrieved from: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/5D1CAC412448B0428325757B00697DC7/\\$File/NT0003EF2A.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/5D1CAC412448B0428325757B00697DC7/$File/NT0003EF2A.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2018.

GREENE, P. G.; KATZ, J. A.; Johannisson, B. (2004). Entrepreneurship education (editorial). **The Academy of Management Learning and Education**, v. 3, n. 3, p. 238-241, 2004.

GUERRA, M. J.; GRAZZIOTIN, Z. J. (2010). Educação Empreendedora nas Universidades Brasileiras. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação Empreendedora: Conceitos, Modelos e Práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p. 67-91.

GÜNZEL-JENSEN, F.; ROBINSON, S. Effectuation in the undergraduate classroom: three barriers to entrepreneurial learning. **Education + Training**, v. 59, n. 7-8, p. 780-796, 2017. DOI: 10.1108/ET-03-2016-0049.

HEINONEN, J. An entrepreneurial approach to teaching corporate entrepreneurship at university level. **Education+Training**, v. 49, n. 4, p. 310-324, 2007.

GREENE, P. G.; KATZ, J. A.; JOHANNISSON, B. (2004). Entrepreneurship education (editorial). **The Academy of Management Learning and Education**, v. 3, n. 3, p. 238–241, 2004.

HUQ, A.; GILBERT, D. Enhancing graduate employability through work-based learning in social entrepreneurship: a case study. **Education+Training**, v. 55, n. 6, p. 550-572, 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores IBGE**: Pesquisa mensal de emprego, março 2014. Retrieved from: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Mensal\\_de\\_Emprego/fasciculo\\_indicadores\\_ibge/2014/pme\\_201403pubCompleta.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadores_ibge/2014/pme_201403pubCompleta.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2018.

JONES, C.; MATLEY, H.; PENALULA, K.; PENULUNA, A. Claiming the future of enterprise education. **Entrepreneurship+Training**, v. 56, n. 8-9, p. 764-775, 2014.

KOIRANEN, M.; RUOHOTIE, P. Yrittäjyyskasvatus – analyyseja, synteesejä ja sovelluksia. **Aikuiskasvatus**, 2/2001, p. 102–111.

KOLB, D. A. **Experiential Learning**: Experience as the Source of Learning and Development. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, NJ, 1984.

KURATKO, D. The Emergence of Entrepreneurship Education: Development, Trends, and Challenges. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 29, n. 5, p. 577-597, 2005. DOI: 10.1111/j.1540-6520.2005.00099.x.

KYRÖ, P. A theoretical framework for teaching and learning entrepreneurship. **International Journal of Business and Globalisation**, v. 2, n. 1, p. 39-55, 2008.

KYRÖ, P. The conceptual contribution of education to research on entrepreneurship education. **Entrepreneurship and Regional Development**, v. 27, n. 9-10, p. 599-618, 2015.

LAVIERI C. Educação empreendedora? In: LOPES R. M. A. (ed.). **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier; 2010.

LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; da SILVA, D. Opportunities to Improve Entrepreneurship Education. In: **Higher Education**: Addressing Brazilian Challenges [Paper], 2012. Retrieved from: <<http://www.guesssurvey.org/PDF/2012/WP-2012-01-Entrepreneurship-Education-Brazil-GRUPO-APOE.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2018.

- MARITZ, A.; BROWN, C. R. Illuminating the Black Box of Entrepreneurship Education Programs. **Education+Training**, v. 55, n. 3, p. 234-252, 2013. DOI: 10.1108/00400911311309305.
- MARTINEZ, A.C.; LEVIE, J.; KELLEY, D. J.; SÆMUNDSSON, R. J.; SCHØTT, T. Global Entrepreneurship Monitor Special Report: a Global Perspective on Entrepreneurship Education and Training [E-reader Version], 2010. Retrieved from: <<http://www.gemconsortium.org/download/1271392126157/GEM%20Special%20Report%20on%20Ed%20and%20Training.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- MATLAY, H. Researching entrepreneurship and education. **Education and Training**, v. 48, n. 8-9, p. 704–718, 2006.
- MWASALWIBA, E. S. Entrepreneurship education: a review of its objectives, teaching methods, and impact indicators. **Education+Training**, v. 52, n. 1, p. 20-47, 2010.
- OECD. **Economic Surveys BRAZIL** [E-reader Version], 2015. Retrieved from: <<https://www.oecd.org/eco/surveys/Brazil-2015-overview.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- PITTAWAY, L.; COPE, J. Entrepreneurship education: a systematic review of the evidence. **International Small Business Journal**, v. 25, n. 5, p. 479-510, 2007.
- POLITIS, D. The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 29, n. 4, p. 399-424, 2005.
- RAE, D. Understanding entrepreneurial learning: a question of how? **International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research**, v. 6, n. 3, p. 145-159, 2000.
- RAE, D. Entrepreneurial learning: a narrative-based conceptual model. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 12, n. 3, p. 323-335, 2005.
- RAE, D. Universities and enterprise education: responding to the challenges of the new era. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 17, n 4, p. 591-606, 2010.
- RIDEOUT, E. Does entrepreneurship education really work? A review and methodological critique of the empirical literature on the effects of university-based entrepreneurship education. **Journal of Small Business Management**, v. 51, n. 3, p. 329-351, 2013.
- RUOHOTIE, P. Conative Constructs in Learning. In: PINTRICH, P. R.; RUOHOTIE, P. (eds.). **Conative Constructs and Self-regulated Learning**. Hämeenlinna, Finland: RCVE, 2000.
- RUOHOTIE, P.; KOIRANEN, M. In the pursuit of conative constructs into entrepreneurship education. **Journal of entrepreneurship education**, n. 3, p. 9–22, 2000.

SARASVATHY, S. **What Makes Entrepreneurs Entrepreneurial?** Charlottesville: Darden Business Publishing, 2001.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

**Entrepreneurship education one of the biggest educational challenges in Brazil.** 2017, October. Retrieved from: <<http://cer.sebrae.com.br/entrepreneurship-education-one-of-the-biggest-educational-challenges-in-brazil/?lang=en>>. Acesso em: 31 maio 2018.

SNOW, R. E.; CORNO, L.; JACKSON, D. (1996). Individual differences in affective and conative functions. In: BERLINER, D. C.; CALFEE, R. C. (eds.). **Handbook of educational psychology**. New York: Simon & Schuster Macmillan, 1996. p. 243–310.

SUEDEKUM, G; MILLER, A. **Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras.** Endeavor Brasil. [E-reader Version], 2011. Retrieved from: <<https://docs.google.com/file/d/0B6ZW664B0pZWdGIwNE9UVWJRZFNWwUVZUllr-cmY5dw/edit?pli=1>>. Acesso em: 31 maio 2018.

SUMMERS, J. J.; SVINICKI, M. D. Investigating classroom community in higher education. **Learning and Individual Differences**, v. 17, n. 1, p. 55-67, 2007.

VILJAMAA, L. **Yrittäjyyden tukemisen hyvät käytänteet korkeakouluissa 2016.** [E-reader Version]. Retrieved from: <<http://urn.fi/URN:ISBN:978-952-263-399-6>>. Acesso em: 31 maio 2018.

WORLD BANK. **Doing Business 2015: Going Beyond Efficiency** [E-reader Version]. Retrieved from: <<https://data.worldbank.org/indicator/IC.BUS.EASE.XQ>>. Acesso em: 31 maio 2018.

YRITYSKYLÄ. **Yrityskylä.** 2017, October. Retrieved from: <<https://yrityskylä.fi/en/>>. Acesso em: 31 maio 2018.

ZACHARAKIS, A. **Entrepreneurship in Brazil: Unlimited Potential.** 2013, April Retrieved from: <<https://www.forbes.com/sites/babson/2013/04/10/entrepreneurship-in-brazil-unlimited-potential/#59da8ca96684>>. Acesso em: 31 maio 2018.

### Como referenciar este artigo:

LAURIKAINEN, Marja et al. Entrepreneurship education: What can we learn from the Brazilian and the Finnish examples? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. esp1, p. 337-360, maio 2018. E-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.nesp1.v13.2018.11414.

**Submetido em:** 30/10/2017

**Aprovado em:** 30/01/2018